

Proletários de todos os países: UNI-VOSI!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

VIVA O 1º DE MAIO!

Viva o dia internacional dos trabalhadores!



A despeito do 1º de Maio passar este ano a um domingo, o dia dos trabalhadores deve ser condignamente comemorado.

O agravamento constante e brutal do custo de vida exige que se preparem, organizem e desenca-deiem as mais variadas lutas por aumentos de salários, jornadas e vencimentos, contra a intensificação dos ritmos infernais de trabalho e contra o desemprego, contra a subida do custo de vida e escassez de géneros alimentícios. Aproveitar o 1º de Maio para organizar passeios, pique-niques, festas de confraternização operária, etc., nos quais se discutam as reivindicações dos trabalhadores, se estudem formas de luta e planos de acção, é comemorar da melhor forma o

dia dos trabalhadores.

A guerra colonial para a qual os governantes fascistas do serviço dos monopólios e do imperialismo arrastaram a Nação, espalha cada vez em maior escala o luto e a dor por todo o país, agrava a miséria das classes laboriosas, arruína a pequena e média produção, compromete mais e mais a soberania nacional. Discutir e organizar formas de luta contra a guerra nas colónias, contra o embarque de novos contingentes militares e de remessas de material de guerra, exigir que regressem à metrópole os soldados destacados nas colónias, é não só uma forma elevada de comemorar o 1º de Maio, mas uma forma de ajudar os povos das colónias portuguesas na sua luta pela independência e contribuir para a libertação de Portugal do jugo fascista.

O governo salazarista agrava a sua política de submissão às grandes potências capitalistas, cede parcelas do território nacional para bases militares, permite a existência de bombas atómicas nos Açores, põe em risco a integridade do território pátrio, é uma ameaça à paz mundial e à vida do nosso povo. Organizar as mais diversas formas de protesto contra a política de guerra e de traição nacional de Salazar é dar também ao 1º de Maio a feição de uma jornada de luta pela defesa da soberania e da independência da nossa Pátria, pela salvação da Paz.

A brutal repressão que os governantes fascistas têm feito tombar sobre o povo português e em primeiro lugar sobre a classe operária e os estudantes, criou no País um ambiente de terror e intranquilida-

de. Aproveitar o 1º de Maio tanto quanto as condições o permitam para organizar a luta contra o terror fascista, pela libertação dos presos políticos e por uma verdadeira amnistia, é igualmente uma forma de luta que se enquadra perfeitamente nas comemorações do dia dos trabalhadores.

Em vários pontos do mundo a reacção encabeçada pelo imperialismo (continua na 2ª pág.)

EXIGÊNCIA NACIONAL uma verdadeira amnistia

Como se vê os fascistas não temem o ridículo. É ao nosso povo que cabe, portanto, não consentir em novas farsadas de amnistia, é aos democratas, às famílias dos presos e perseguidos, às comissões de amnistia que cabe lutar por uma verdadeira amnistia, de pressionar os deputados, os bispos, as Câmaras, etc., para que sejam restituídos às famílias os presos políticos através duma amnistia que é um acto de justiça e nada tem que ver com a celebração fascista de qualquer data. Exijamos todos: Amnistia! Amnistia!

Manifestações no Porto

OS TRABALHADORES DA CARRIS contra os abusos da Previdência

De novo transbordou a indignação e a revolta dos trabalhadores dos transportes colectivos do Porto. Concentrados às centenas diante da administração da Carris e do posto médico gritavam: «galunost! dêem-nos as fichas». Como em 1962, quando desenvolviam a luta por aumento de salários, as cargas da P.S.P., que se abateram sobre eles, não lhes afrouxaram a cólera nem a combatividade. Repetiram-se os actos de valentia e firmeza dos operários da Carris.

Que causas determinaram esta luta? Um puro acto arbitrário dos serviços da Previdência, sancionado pelo ministro das Corporações, que priva o pessoal da Carris do recebimento de cuidados clínicos em caso de doença, nas localidades onde residem, e os obriga a deslocações ao Porto, com os gastos correspondentes das viagens e os incómodos que estes comportam, sobretudo em caso de enfermidade.

O ministro das corporações agravou ainda mais a situação, com uma recusa peyoratória ao abaixo-assinado dos operários dos transportes colectivos, em que se requeria o restabelecimento do anterior sistema de assistência médica.

A prepulência das autoridades, o pessoal respondeu com uma manifestação de protesto junto da administração e dos serviços da Previdência, seguido de novas con-

centrações, em dias sucessivos. As primeiras centenas de manifestantes juntaram-se novas centenas de outros, que secundavam as reclamações. Um poderoso aparelho policial cercou a zona da Boa Vista, para tentar impedir que os operários se manifestassem. Mas às 17 horas o pessoal, em grupos, dirigia-se para a rua dos Venzeleros, onde se encontram os serviços de assistência e a administração e ali deram início à concentração, seguida de manifestações. Aos ataques do aparelho repressivo, os operários respondiam como podiam: com lancheiras, com pedras, a pentapé e a soco.

Páginas de coragem e de firmeza escreveram de novo, como em 1962, os valentes operários da Carris. Páginas de Unidade, de resistência activa à política fascista.

Mas apesar dos seus protestos, o pessoal dos transportes colectivos não viu ainda atendidos os seus pedidos. Toda a experiência da sua luta nos últimos anos, demonstra-lhes que é necessário insistir, voltar à carga, reforçar a acção, mobilizar cada vez mais os trabalhadores, pois a luta é de todos e não de alguns.

Operários da Carris! Que caminho deveis trilhar para alcançar a vitória? O caminho da luta organizada, com novas concentrações junto da administração e dos (continua na pág. 2)

O XXIII CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA

A 29 de Março inicia os seus trabalhos em Moscovo, o XXIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética que irá discutir e aprovar o novo plano quinquenal que assegurará novos sucessos ao desenvolvimento económico, científico e cultural da URSS.

O novo plano, que visa o bem estar do povo e a construção das bases técnico-materiais do comunismo, elevará a remuneração dos operários e empregados na taxa mínima de 20 por cento. Os benefícios dos camponeses crescerão de 35 a 40 por cento. A produção industrial aumentará em 50 por cento, a produção agrícola em 30 por cento. Serão construídos durante o novo plano milhões de habitações. Será melhorado o abastecimento público e a assistência social.

«Grandes êxitos precedem o XXIII Congresso. O progresso científico da URSS, ao serviço da Paz e do bem estar dos povos, permitiu que a «Luna 9» fosse a primeira estação automática a descer na Lua e fornecesse dados preciosos para a conquista do espaço; que «Vénus 2» realizasse uma proeza semelhante no planeta Vénus; que o «Cosmos 110» conduzindo duas cadelas e borço regressasse à terra após sa ter conservado 22 dias no espaço, batendo todos os recordes anteriores.

O XXIII Congresso é um grande acontecimento para os povos da URSS e do mundo inteiro. A União Soviética foi o primeiro país do mundo a destruir o sistema capitalista. É o primeiro país que marcha na construção do comunismo. A sua enorme experiência revolucionária, a sua intransigente defesa do marxismo-leninismo, a sua prática activa do internacionalismo proletário continuam servindo o movimento operário internacional, a sua coesão e o seu progresso continuam.

Os trabalhadores e os comunistas do mundo inteiro seguirão com vivo interesse os trabalhos do XXIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, a quem saudam fraternalmente. «Avante!» apresenta os seus entusiásticos votos de bom trabalho e de grandes êxitos, ao histórico Congresso do glorioso Partido Irmao.

A CRISE DA NATO E A POLÍTICA DE GUERRA SALAZARISTA

O governo de Salazar mostra-se apreensivo com a deterioração da NATO. Preocupa-os a possível saída de De Gaulle do Pacto do Atlântico, pelo papel que a França desempenhava e porque, hoje, o governo francês é um pilar da sua política externa, um instrumento da repressão fascista contra os emigrados políticos portugueses naquele país.

A verdade é que o grande capital monopolista francês tem interesses que entram por vezes em contradição com interesses dos imperialistas americanos, o que provoca na política externa da França algumas tomadas de posição mais

realistas. Para eles é hoje evidente, e proclamam-no, que a União Soviética não pensa atacar as nações ocidentais. Daí que procurem libertar a França de compromissos militares e de bases americanas e canadianas instaladas pela NATO em França, compromissos e bases que têm diminuído a independência da nação francesa.

Para Salazar e os monopolistas portugueses, porém, o problema da independência pátria não tem qualquer interesse. Enquanto a França pede a saída das tropas estrangeiras do seu território, Salazar abre o coração do Alentejo aos re-vanchistas alemães para que eles

instalem em Beja mais de 5.000 homens e os seus aviões supersónicos.

Na nota do ministério dos negócios estrangeiros, datada de 19 de Março último, faz-se alarde dos pontos de vista do governo fascista de Salazar para o reforço da NATO, para o seu regresso ao clima de guerra fria, pela criação de uma orgânica que garanta a protecção e defesa da Alemanha e que «não tem de ser necessariamente a actual».

Não é claro, na linguagem artificiosa de Franco Nogueira que o governo de Salazar defende a ideia de armar a Alemanha com a bomba atómica, como pretendem os (continua na 2ª pág.)

VIVA O 1.º DE MAIO!



(continuação da 1.ª pág.)
lismo americano, tem estado a desencadear uma furiosa ofensiva contra a democracia e a liberdade dos povos, sendo nos nossos dias o heróico povo vietnamita a principal vítima desta ofensiva. Organizar as mais diversas manifestações de solidariedade ao povo vietnamita, enviar protestos contra os assassinos imperialistas americanos, é prestar solidariedade a um povo que mesmo lutando heróicamente contra a agressão imperialista não tem deixado de prestar a sua solidariedade à luta do povo português, é dar à jornada do 1.º de Maio o cunho verdadeiramente internacionalista que deve ter.

**Operários! Camponeses!
Pescadores! Trabalhadores!
Homens, mulheres e jovens!
Companheiros de luta!**

O 1.º de Maio é nosso! É a nossa festa, festa do trabalho, da fraternidade, do amor e da paz, internacionalmente reconhecida. Comemoramos o 1.º de Maio!

Que por todo o lado se organizem passeios, pique-niques, festas de confraternização operária e que em cada uma delas se discutam as reivindicações dos trabalhadores e se reforce a organização e unidade da classe operária. A circunstância do 1.º de Maio ser a um domingo deve ser aproveitada para chamar as mais largas massas a confraternizar e a participar nas mais variadas lutas contra a ditadura fascista.

Que neste ano, em que os fascistas comemoram os seus 40 anos de opressão, miséria, obscurantismo, crimes e traição nacional, a classe operária, à frente das massas populares, manifestem por todos os meios o seu ódio ao fascismo.

Que em todos os lados onde as condições o permitam se organizem manifestações em que se grite

RELATÓRIO DO C. CENTRAL AO VI CONGRESSO

Dada a importância e extensão do Relatório do camarada A. Cunhal ao VI Congresso, sobre a actividade do C.C., a Direcção do P. publicou rapidamente uma edição de extractos desse importante documento.

Terminada a actividade editorial, consagrada aos restantes materiais do VI Congresso, foi agora possível editar na íntegra aquele Relatório. É esta edição que começa agora a ser distribuída e que todos os militantes deverão estudar e divulgar junto dos democratas e homens progressivos do nosso país.

OS TRABALHADORES DA CARRIS

(continuação da 1.ª pág.)
serviços de assistência, com novas concentrações ao sindicato, envio de delegações ao I.N.T., aos jornais diários, aos deputados e outras autoridades fascistas, para reclamarem contra a medida da Previdência e exigirem o regresso ao sistema de assistência que ainda há pouco vigorava.

bem alto: queremos aumento de salários, jornas e vencimentos! Abaixo a vida cara! Paz em Angola, Moçambique, e Guiné! Liberdade para os presos políticos! Amnistia!

VIVA A DEMOCRACIA, A
LIBERDADE E A PAZ!
VIVA A INDEPENDÊNCIA
NACIONAL!
ABAIXO O FASCISMO!

Abril de 1966

A Comissão Executiva do
Comité Central do
Partido Comunista Português

MAIS UM ANIVERSÁRIO DA RÁDIO PORTUGAL LIVRE

12 de Março é uma data histórica na vida do nosso Partido, pois ela marca o aparecimento da Rádio Portugal Livre, emissora ao serviço da democracia e da independência nacional, a voz diária do Partido contra o fascismo, o imperialismo, as guerras coloniais, a voz da amizade com todos os povos do Mundo.

Nem um só dia passou desde então que a voz do proletariado português não denunciasses os crimes e arbitrariedades do salazarismo, não apelasse à luta, não divulgasse as grandes e pequenas lutas dos trabalhadores, dos estudantes, dos camponeses, dos militares, dos intelectuais, das mulheres de Portugal.

«Avante!» saúda mais este aniversário da Rádio Portugal Livre e lembra aos seus leitores que a RPL transmite todos os dias em ondas curtas nas seguintes horas e comprimentos de ondas.

das 7 às 7,30 em 25 metros	Aos domingos:
das 19 às 19,30 em 32 metros	Programa especial para os
das 21,15 às 21,45 em 32 metros	camponeses das 12 às 12,30
das 23,30 às 23,50 em 36, 39, e 43 metros	em 19, 20, 25 e 26 metros

ATENÇÃO À MUDANÇA DA HORA

Em princípio, as emissões devem passar a escutar-se uma hora depois das horas acima anunciadas.

ALERTA! POVO DO PORTO! Os monopólios preparam novo aumento DO PREÇO DA ELECTRICIDADE

A insaciável sede de lucros das companhias de electricidade, que abastecem a zona do Porto, levou-as a exigir o aumento do preço das tarifas, por considerarem que as actuais não correspondem à elevação dos custos da produção.

Há cinco anos, idêntico pedido foi formulado junto do governo salazarista. Houve também discordância da Câmara Municipal do Porto. Mas o preço da electricidade foi largamente aumentado, apesar dos protestos do povo.

Pode-se porventura admitir que

as companhias de electricidade formulem semelhante pedido, quando elas continuam a acumular os mais volumosos lucros?

Uma das companhias fornecedoras, a **Companhia Nacional de Electricidade**, em cujo conselho de administração figura o engenheiro **Ferreira Dias**, ex-ministro da Economia, viu crescer os seus lucros de 21 mil contos, em 1960, para 38 mil 212, em 1964. O seu capital ascende a 460 mil contos.

A **CHENOP**, outra companhia fornecedora de electricidade, registou nos últimos cinco anos mais de 250 mil contos de lucros. Só em 1964 subiram a 52 mil contos os lucros obtidos.

Como podemos classificar as exigências dos monopólios da electricidade se tivermos em conta que os lucros obtidos correspondem ao período em que, segundo os administradores das companhias o preço das tarifas «não correspondem já à elevação dos custos da produção»? O que seria se correspondessem!

Sobre as dramáticas condições de vida do povo trabalhador do Porto, os monopólios da electricidade

A CRISE DA NATO E A POLÍTICA DE GUERRA

(continuação da 1.ª pág.)

americanos?
Não admira com tudo isto que o ministro dos Estrangeiros da Alemanha Federal ao abandonar Portugal onze vezes tratou dos interesses alemães no nosso país e procurou alagá-los ainda mais, declare com todo o desprazer: «A minha visita a Portugal foi extremamente útil. Para o povo português não o foi com certeza.

Na medida em que a aliança atlântica se enfraquece, debilita-se igualmente uma base sólida de apoio ao fascismo salazarista. Por isso os governantes da Ditadura se atêm firmemente ao bloco agressivo da NATO e pagam caro a sua fidelidade à política atlântica.

Para servir a aliança atlântica o governo passou os seus gastos de 2 milhões e 500 mil contos em 1952 para 6 milhões e 460

mil em 1964, e está gastando importantes verbas com a construção de um poderoso dispositivo militar na península de Setúbal, recentemente visitado, pelo almirante Charles Griffin, comandante chefe das forças da NATO. Ao serviço da aliança atlântica e contrários ou aliçados para esse fim, encontram-se as bases aéreas do Montijo, Ota, Monte Real, Sintra e Espinho, sem falar nos já da base dos Açores.

Em princípios de Março, navios e aviões militares da NATO realizaram exercícios ao largo da costa portuguesa tendo depois em Lisboa 350 oficiais da marinha e das forças aéreas, exercido à porta fechada, os resultados dos exercícios.

Por outro lado, os dirigentes salazaristas voltam os olhos, cada vez mais, para os continuadores de Hitler, que ocupam o poder na Alemanha Ocidental. Sucedem-se as visitas e as manifestações de entendimento entre os governantes dos dois países.

«A República Federal da Alemanha está na primeira linha da defesa da Europa» — dizia num discurso de boas vindas, o general Gomes de Azevedo ao seu colega Von Hassel, ministro da Defesa Nacional da Alemanha. Portugal está já no combate noutra frente.

Em que «frentes»? Na «frente» de África, contra os povos que lutam tenazmente pela sua independência, em Angola, Guiné e Moçambique.

Salazar, na sua história de guerra, no seu odioso propósito de esmagar rapidamente os movimentos de libertação, fez apelo repetido às potências da NATO para que participem abertamente no que ele chama a defesa da civilização ocidental. E lamenta-se ao «New York Times» de que os seus parceiros apenas se interessam por uma «zona restrita» quando «final existem «riscos globais», isto é, só queiram «defender» a Europa em vez de se irem bater em África, na Índia, etc. Salazar chega mesmo ao cúmulo de lamentar que os Estados Unidos se vejam sózinhos no papel de gendarme mundial, quando lhes seria possível encontrar nos seus aliados (leia-se em Portugal) outros gendarmes para os ajudarem na repressão imperialista a tudo o que é libertação, a tudo o que é progressivo.

São as lutas do povo e dos democratas portugueses, são as forças da Paz em todo o mundo, os países socialistas e, as nações neutras, que têm evitado que a NATO se projecte em África e que a política salazarista nesse continente se transforme num ponto de partida de um conflito mundial.

querem fazer crescer a sua pirâmide de lucros.

O governo salazarista só não acederá ao pedido de aumento dos preços das tarifas, se o povo se opuser a tal, se organizar a sua luta e não se deixar adormecer com as promessas dos dirigentes da Câmara ou com os seus empolados discursos.

Os governantes salazaristas prometeram há cinco anos não consentir em novos aumentos e em estender o preço das actuais tarifas do Porto a todo o país. Façamo-los cumprir a promessa.

Mobilizemos o povo trabalhador do Porto para que junto da Câmara Municipal, das Juntas de Freguesia, dos sindicatos e casas do povo protestem contra a ameaça de aumento do preço da electricidade e exijam que não sejam atendidos os pedidos das companhias fornecedoras.

Enviemos cartas, postais, abaixo-assinados às autoridades fascistas.

Reclamemos junto dos deputados e jornais do Porto para que façam eco dos protestos populares.

Contra a pretensão dos monopólios organizemos a luta do povo.

Rogério de Carvalho e Ilídio Esteves VENCEM A BATALHA DA PIDE COM O SEU silêncio revolucionário

Desde 6 de Outubro nas mãos do inimigo, Ilídio Esteves, operário, elemento responsável do Partido Comunista Português, mais uma vez soube ser digno do nome de comunista. Apesar das torturas a que o submeteram, de 12 dias seguidos na PIDE, 9 dos quais ininterruptamente sem dormir, os esbirros fascistas encontraram sempre diante deles o revolucionário firme e corajoso que polícias algum poderá vergar. O inimigo já o sabia mas pretendia vingá-lo da derrota que Ilídio, com outros camaradas, lhe infligira em Dezembro de 1961, ao fugir de Caxias. A resposta de Ilídio porém foi a mesma de sempre: não fez declaração alguma nem assinou nada e pôs-se em greve da fome a partir do 9.º dia de torturas.

Também Rogério de Carvalho, responsável do Partido Comunista e antigo diri-

gente sindical que o nosso povo se habituou a respeitar pelo seu valente comportamento cada vez que se vê frente ao inimigo, foi de novo preso a 26 de Dezembro. A PIDE dedica-lhe um ódio particular pois não só do embale com o camarada tem saído sempre derrotado pela sua firmeza revolucionária, como também lhe não perdoes ter sido Rogério de Carvalho um dos participantes da heroica fuga de Peniche em Janeiro de 1960, com Alvaro Cunhal e outros camaradas.

As vidas de Ilídio Esteves e Rogério de Carvalho são preciosas. A PIDE nunca lhes arrancará qualquer declaração mas poder-lhes errancar as vidas. É preciso, pois, salvar Ilídio e Rogério! Exijamos a sua libertação! Prastemos-lhes a nossa solidariedade activa!

ACTO DE SOLIDARIEDADE DOS DEMOCRATAS FRANCESES

Representantes da Federação Internacional dos Direitos do Homem, da Associação Internacional dos Juristas Democráticos e das organizações francesas: Liga dos Direitos do Homem, Partidos Radical, Socialista, Comunista, PSU, MRP, União das Mulheres Francesas, U.N. dos Estudantes Franceses, CCT, Socorro Popular Francês, Cristianismo Social (CIMADE) e de outras organizações, e ainda de 2 observadores do movimento «Amnesty International», reuniram-se no passado dia 27 de Fevereiro, em Paris, num Colóquio, por iniciativa do Comité Francês pela Amnistia em Portugal e ao apelo das senhoras Collette-Khan e Bouvier-Ajam e dos senhores abade Glasberg, Daniel Vidal,

Robert Ballanger, Edouard Depreux, drs. Supervielle e Mancini.

Sob o lema «Pelas liberdades democráticas em Portugal, pela solidariedade ao povo português» não só se reuniram aquelas personalidades e representantes como ainda se receberam mensagens de apoio de François Mitterrand, candidato das esquerdas às eleições presidenciais, monsenhor Rhodain (do Socorro Católico), Montaron (Témoignage Chrétien), Pierre Abraham (revista Europe), dr. René-William Thorp (Colloque des Juristes), das Juventudes comunistas francesas, do secretário geral da Force Ouvrière, do director da revista «Esprit», de Comités pela Amnistia em Portugal de vários países, do «Portuguese and Colonial Bulletin» e ainda da Junta Revolucionária da Frente Patriótica de Libertação Nacional.

Os participantes neste Colóquio acordaram no envio de um telegrama de protesto às autoridades salazaristas. Elaboraram uma moção e um apelo dirigidos à opinião pública francesa para que intensifique o seu protesto contra as «medidas de segurança», os actos de violência, as torturas, as longas detenções, praticadas pelo governo salazarista contra os democratas portugueses. Aprovaram ainda uma moção desmascarando o governo e a PIDE como assassinos do general Delgado. Finalmente, decidiram empreender esforços para a realização de uma nova reunião de alto nível, destinada a conjugar e intensificar esforços para a mobilização da opinião pública internacional contra as torturas e as medidas de segurança e pela Amnistia aos presos e exilados políticos de Portugal.

Uma vez mais os democratas franceses prestaram a sua solidariedade aos democratas portugueses. Uma vez mais os presos políticos e os democratas do nosso país agradecem essa solidariedade activa. Obrigado, amigos!

O assassinato DO GENERAL HUMBERTO DELGADO

O assassinato do general Humberto Delgado voltou a primeiro plano quer no país quer no estrangeiro. Que novas provas existem sobre o crime?

No seu discurso eleitoral de 6 de Novembro, Salazar, seraliticamente, atribuiu o acto à traição daqueles que se afirmavam correligionários do general.

Se desta acusação quisermos tirar as verdadeiras conclusões, podemos dizer que a consciência do ditador denunciava a realidade dos factos. Foram elementos da PIDE e a seu soldo que, fazendo-se passar por correligionários do general Humberto Delgado e ganhando a sua confiança, o atraíram a Badajoz e o mataram.

Esta é a conclusão que resulta do processo organizado pelo juiz MARQUES CRESPO, de BADAJOZ, sob pressão das forças democráticas portuguesas e espanholas, da opinião pública internacional e da família do general.

Segundo as conclusões do juiz de Badajoz, o general foi assassinado no posto de Caia e enterrado no bosque de Vila Nova del Fresno.

Eslarecida a leia do crime, quatro mandatos de captura foram passados contra 4 agentes da PIDE que atravessaram a fronteira sob falsa identidade e posteriormente contra o chefe do posto de S. Leonardo, António Gonçalves Semedo que apresentou um delas como chefe da polícia de Angola ao seu colega de Vila Nova del Fresno.

Sobre os quatro primeiros, com desuso de desaloro, o ministro do Interior, Santos Júnior, respondeu no nota officiosa de 16 de Fevereiro, que os indivíduos em questão não puderam ser encontrados nem identificados, TUDO LEVANDO A CRER QUE SE TRATEM DE NOMES SUPOSTOS. Sobre o António Gonçalves Semedo a nota do ministro fascista fez completo silêncio. Com laivos de dignidade ofendida a nota officiosa pretende levar da qualquer ligação com o assassinato os agentes policiais.

Mas os democratas portugueses e a opinião pública mundial irabram para esclarecer este caso. Elas sabem que não podem ser os salazaristas a desvendarem a verdade sobre este crime hediondo.

Quando foi norma dos dirigentes da Ditadura denunciarem e punirem os executores dos seus crimes, os agentes da PIDE? Houve até hoje julgamento ou castigo para os assassinos de ALFREDO DINIZ, MILITÃO RIBEIRO, DIAS COELHO, GENERAL GODINHO, CATARINA EUFÉMIA?

É um facto provado que o governo da Salazar pretende evitar que o tema do crime se esclareça inteiramente. Ele deseja enterrar o caso do general Humberto Delgado como fez enterrar o seu cadáver em Vila Nova del Fresno.

Uma tal tarefa pertence às forças democráticas e aos homens livres e progressivos do mundo inteiro que devem continuar a pressionar os juristas espanhóis no sentido do prosseguimento da instrução do processo crime contra Salazar e a PIDE como assassinos do general Delgado.

Em torno da acção para o esclarecimento deste crime, a unidade dos anti-fascistas será uma garantia dos nossos êxitos. A Unidade será igualmente a garantia do fim próximo do fascismo, do castigo dos assassinos,

Contra as Medidas de Segurança mobilizemos a opinião pública NACIONAL E INTERNACIONAL

Nos cárceres salazaristas entre várias centenas de presos há cerca de cem prisioneiros e prisioneiras políticos condenados a prisão perpétua. Cerca de cem homens e mulheres que não sabem quando conhecerão a liberdade.

E porquê? Que crime praticaram para que as autoridades fascistas os condenem aos rigores das «medidas de segurança»? Quiseram pôr um freio à tenebrosa política da ditadura, e à situação de miséria e de exploração do nosso povo. São combatentes da Democracia.

É ao nível dos ladrões e dos vagabundos que o governo de Salazar coloca os presos políticos, os melhores filhos do povo, para os condenar à prisão perpétua, às «medidas de segurança».

Ao abrigo de uma suposta «perigosidade social» devem permanecer na prisão até que se «regenerem». Assim actua o governo em relação aos criminosos, aos delinquentes de direito comum. Mas em relação a estes, as autoridades salazaristas mostram-se em tudo mais benevolentes. É menos severo o regime prisional, são menos severas as condenações.

Sob a alçada da lei que abrange os presos comuns encontra-se José Vitoriano, dirigente sindical, condenado a 4 anos de prisão e há 13 anos encarcerado. Encontra-se Sofia Ferreira, condenada a 5 anos e meio e encarcerada há 7. Encontra-se José Rolim, condenado a 3 anos e meio e que conta sete anos de prisão. Sofrendo de uma grave enfermidade da coluna vertebral, que só uma urgente intervenção cirúrgica em hospital altamente especializado pode salvar, José Rolim, vê-se a passos largos resvalar para a invalidez e para a morte.

Sob a alçada das medidas de segurança encontram-se Joaquim Carneira, condenado a 4 anos, preso há oito, Carlos Aboim Inglês, Sena Lopes, Orlando Ramos, Armando Norte, António Santo, Carlos Brito, José Bernardino, José Pacheco, Albertina Diogo, Albina Fernandes, Natália David e dezenas de outros patriotas.

Os suplícios infligidos aos presos políticos não satisfazem os governantes fascistas. Eles preparam o esgotamento físico pela aplicação da prisão perpétua, que as medidas de segurança legalizam.

A luta contra as «medidas de segurança» tornou-se o centro de uma larga actividade nacional e internacional, cuja continuidade não é apenas uma garantia da defesa da vida dos presos políticos, mas uma exigência moral que se impõe, com uma amplitude cada vez maior, à consciência dos homens e mulheres de Portugal e do mundo inteiro, que não querem permanecer indiferentes ante os sofrimentos, as violências e as arbitrariedades, que atingem os prisioneiros e prisioneiras portuguesas, que defendem a causa da Democracia e da Liberdade.

AS PRISÕES DA FAP

Acabam de ser presos algumas pessoas, as que constituem a chamada Frente de Acção Popular, ou FAP. A fácil liquidação pelos fascistas da actividade organizada deste grupo, constitui uma valiosa lição para o movimento anti-fascista português. Cumpre-se uma vez mais que o aventurismo, o terrorismo, a acção separada das massas, o sectarismo e divisionismo, conduzem necessariamente a trágicos fracassos. Tais métodos, não só em nada contribuem para apressar o processo revolucionário, como efectivamente o enraivam e prejudicam.

É o momento de fazer o balanço da actividade deste grupo durante os dois anos da sua existência. Contribuiu ele, fosse no que fosse, para apressar a hora da libertação do nosso povo? Não, em nada contribuiu para isso. De facto nada fez contra a ditadura. Acabou por ser liquidado sem ter começado sequer as acções a que se propusera sem ter realizado qualquer actividade útil ao povo. O que este grupo fez durante dois anos de existência, foi combater o Partido da classe operária, o Partido Comunista Português, procurando provocar desinteligências, a divisão e a cisão das fileiras comunistas e do movimento democrático, o que fez foi espalhar confusões e calúnias e, por vezes, realizar uma actividade objectivamente provocatória. Um tal balanço de actividade durante dois anos é uma condenação sem apelo das ideias e dos métodos que defendeu e adoptou.

São de sublinhar, na triste aventura da FAP, as responsabilidades dos dirigentes do

Partido Comunista de China. Os dirigentes chineses ajudarem este grupo na sua acção divisionista e cisionista, deram-lhe recursos, incitaram-no à precipitação da «acção directa», afirmando que assim poderiam chegar a um resultado vitorioso. O resultado está à vista: depois de causar prejuizos ao movimento operário e democrático, depois de provocar em alguns sectores, embora limitados, vacilações e desorientação, terminou sem qualquer sucesso.

A acção divisionista destes elementos não era desvantajosa ao regime fascista. Sucedeu porém que, para procurarem um mínimo de coerência com as próprias palavras ultra-revolucionárias e os seus apelos à «acção directa», se mataram de fome irresponsável em pequenas aventuras, que os levaram à prisão.

Queremos afirmar que consideramos estas prisões como fazendo parte da larga acção repressiva do governo fascista contra toda a Oposição. Por isso protestamos contra estas prisões como contra todas as outras prisões por motivos políticos. Por isso protestamos contra quaisquer maus-tratos a que estes presos, como quaisquer outros, sejam submetidos pelos criminosos da PIDE. Mas seria porém que esta nossa atitude impedisse de fazer o balanço crítico da actividade da FAP neste preciso momento em que cai por terra mais um castelo de cartas das ilusões esquerdistas e aventuristas.

Sem honra e sem glória estes elementos combateram as forças revolucionárias portuguesas. Também sem honra e sem glória caíram nas prisões fascistas.



O VI CONGRESSO e as organizações desligadas

No relatório de Organização, apresentado ao VI Congresso, o camarada Joaquim Gomes referia-se em detalhe ao problema das organizações desligadas. Comentando a alínea n) sobre os deveres dos membros do Partido, inscritos nos Estatutos, de «continuar a desenvolver a actividade partidária no caso de perder o contacto com o Partido e esforçar-se por restabelecer prontamente o contacto», o Relatório conta alguns progressos feitos e cita exemplos dos esforços de organizações desligadas para reatarm o contacto com a Direcção do Partido.

O camarada Joaquim Gomes assinala depois deficiências, sobretudo por parte de organismos responsáveis, que nem sempre têm a preocupação de levar à prática a orientação de tudo fazer para não abandonar as organizações e quadros, precisamente quando eles se encontram em perigo.

Mas outro aspecto queremos aqui referir. A repressão é cada vez maior, os quadros intermédios não abundam e a própria defesa dos quadros mais responsáveis, aliada à necessidade de trabalhar voltados para o futuro têm levado à perda de contactos. Outros são deliberadamente cortados para esclarecimento de situações conspirativas duvidosas. São situações temporárias, cuja duração não podemos medir. Há portanto que criar o espírito do dever apontado nos Estatutos e continuar a actividade partidária, mesmo desligados. As células deverão reunir, analisar os problemas das empresas, das herdades, das escolas, dos soldados, dos quartéis, da região e apontar caminhos de luta, fazer targejas sobre esses problemas locais, continuar a orientar a população na luta contra o fascismo e pela solução dos problemas económicos, sociais, culturais e outros mais instantes.

A par dessa actividade política há que manter e mesmo reforçar as organizações, substituir quadros presos, recrutar, organizar células, distribuir imprensa própria ou do aparelho central que por qualquer forma lhes chegue às mãos, cotizar e guardar os fundos quer para as despesas de toda essa actividade, quer

MAIS FUNDOS

Melhor defesa do Partido

A falta de fundos determina perigos graves para a defesa das organizações do Partido, para a defesa dos seus melhores quadros. O amplo trabalho de organização, mobilização e direcção do Partido exige recursos económicos importantes, que se medem por centenas de contos.

A recolha de fundos, as iniciativas destinadas a preencher as necessidades financeiras do Partido são tarefas de primeiro plano, que permitem novos êxitos na luta da classe operária e do povo.

Ter a cotização em dia, pegar a imprensa, conseguir fundos junto de simpatizantes e amigos do Partido é um dever dos comunistas. A nossa luta requer um grande volume de fundos. Quando cada militante e cada organização se debruçam sobre as necessidades financeiras do Partido descobrem processos novos de recolha de fundos, aumentem as receitas do Partido.

Camaradas! Amigos! Mobilizai esforços. Alargai a vossa acção. Tendo presente: **MAIS FUNDOS SIGNIFICA MELHOR DEFESA DO PARTIDO.**

para entregar à Direcção logo que o contacto se restabeleça.

Se assim for feito será menos grave aquele ponto fraco, o Partido não suspende a sua actividade, não se dilui nas dificuldades e será motivo forte para que também os organismos de direcção se esforcem por contactar aquela organização que mesmo desligada continua a luta organizada contra o fascismo.

O Partido tem hoje um Programa e uns Estatutos, que correspondem às necessidades, uma linha política e tática definida e clara. Estudando-os e aplicando-os, escutando regularmente a Rádio Portugal Livre, estais dando passos para continuar a acção do Partido.

Não receeis cometer erros, camaradas desligados dos organismos responsáveis! Que cada organismo se sinta de direcção na sua esfera própria de acção, e não paralise a actividade por não ter contacto com a Direcção.

AUMENTO DE SALÁRIOS TABELA ÚNICA DE SALÁRIOS reclamam os motoristas

Novas reuniões, com elevado número de motoristas, se registaram no respectivo sindicato. Há mais de um ano que os motoristas reivindicam aumento de salários, sem que o seu pedido até hoje tenha sido satisfeito.

As reuniões recentemente realizadas destinam-se a apreciar as propostas do Grémio dos Industriais dos Transportes Automóveis, nas quais os dirigentes do Grémio se dispõem a conceder um aumento de salário ínfimo, de 10 a 13 por cento, aumentando ao mesmo tempo as tarifas de transportes... em seu proveito.

Por unanimidade a proposta foi rejeitada. Os motoristas requerem salários mais elevados e a uniformização de salários em todo o país. «Há uma só tabela de tarifas para os industriais» — dizem eles.

Enquanto os industriais manobram para conceder um aumento de salários, em termos aceitáveis, os motoristas só poderão ver satisfeitas as suas reivindicações se insistirem na luta, se organizarem comissões de unidade, reforçarem os contactos à escala nacional, multiplicarem as concentrações nos sindicatos e junto dos industriais, se derem um novo impulso à luta reivindicativa.

Dia Internacional da Mulher! Ao pleno significado da Jornada, comemorada em todo o mundo por milhões de pessoas, junta-se um coro de louvor, homenagem e estímulo solidário às mulheres portuguesas em luta contra a ditadura fascista.

Para nós e na época actual, o Dia Internacional da Mulher fala-nos acima de tudo da posição tomada pelas nossas operárias, camponesas, estudantes, empregadas e intelectuais, no dramático conflito entre o fascismo e o povo português.

São milhares as heróicas do nosso tempo. Elas erguem a sua voz contra a exploração e a miséria criadas pelo regime, contra o aumento incessante do

8 DE MARÇO

custo de vida. Elas apontam o fascismo como o responsável pela amargura do dia a dia do trabalho feminino, em que à dureza deste se juntam as mais angustiosas situações criadas pela ausência de protecção aos filhos pequeninos. Elas interpretam o sentir da imensa maioria das mulheres, principais vítimas da política obscurantista do governo. Elas denunciam a humilhante condição de inferioridade em que o fascismo coloca a Mulher quer na remuneração do trabalho, quer na sua promoção em relação aos direitos políticos.

Como exemplo eficiente, é enaltecida a coragem, firmeza e intransigência das combatentes portuguesas ante a violência da repressão nas ruas, nos locais de trabalho, sob as torturas da PIDE, perante os tribunais e no cumprimento das longas penas de prisão.

A política de despedimentos e agravamento crescente da exploração da mão de obra feminina combatem-na, com êxitos notáveis nos últimos tempos, as operárias corticeiras da Margem Sul do Tejo; as operárias têxteis do Norte; as operárias agrícolas do Sul do país, combatem-na as mulheres dos pescadores, dos marmoristas e de outros grupos incitando-os ao prosseguimento da luta quando a repressão os tenta deter, todas elas e

Ante os planos do patronato LUTA UNIDA DOS METALÚRGICOS

A realização do I Congresso Nacional da Fundação e a criação da Associação Portuguesa de Fundação são por si suficientes para esclarecer as perspectivas que se abrem aos capitalistas portugueses neste importante sector da produção industrial.

Neste Congresso, o conhecido Jorge Ferreirinha não se conteve ante o sucesso da sua acção organizadora e declarou: «A nossa mão de obra, de custo muito mais baixo do que no centro e norte europeus e de potencialidade produtiva ainda tão mal aproveitada entre nós, constitui factor inestimável para o alicerçamento da grande indústria de fundição em Portugal». Isto quer dizer que os Ferreirinhas e os industriais da metalurgia se organizam para aumentar os seus lucros à custa da intensificação dos ritmos de trabalho dos operários, e da eternização dos seus baixos salários. Anteendo novas possibilidades

no mercado interno e externo, protegidos e estimulados pela política de concentração industrial do governo, os tubarões da indústria de fundição e metalo-mecânica não ocultam a sua euforia. Mantendo os baixos salários que há anos vigoram na indústria, os Ferreirinha, os Champallimaud e os seus associados verão crescer os negócios e aumentar os lucros.

Entretanto os grandes industriais resistem às diligências dos operários metalúrgicos, para que lhes seja concedido um aumento geral de salários. Os capitalistas organizam-se para aumentar as suas instalações, para fomentar os seus negócios. A SECHERON irá atingir dentro em breve os 2.000 operários.

Os trabalhadores da metalurgia devem aguardar que os seus senhores lhes concedam umas melhorias, quando a isso forem levados pela sua «generosidade»? Não. Esse não é o caminho que os metalúrgicos devem seguir sob pena de verem agravadas ainda mais as condições de vida e o nível de salários.

Lutando, os metalúrgicos conquistaram, várias vezes, aumentos de salários. Lisboa, Porto, Braga, são testemunho de grandes lutas desta numerosa classe.

Lutando, organizando-se, unido-se, os operários metalúrgicos obterão novas vitórias. A luta iniciou-se o ano passado, junto de vários sindicatos. Nada foi resolvido até hoje.

Os operários metalúrgicos não podem aguardar indefinidamente. Avante! Trabalhadores! Criai as vossas comissões de unidade. Concentrai-vos junto da gerência e nos sindicatos. Recorrei ao trabalho lento, à «cera», às pequenas paralisações, à greve. Concertai a acção à escala local, regional e nacional.

multas outras, contribuindo com a sua luta firme, unida e organizada, para deter a marcha impiedosa do fascismo.

Do baixo nível dos ordenados dizem corajosamente não, num despedimento massivo, 300 enfermeiras do Hospital de S. João, no Porto.

Dos lares destruídos pelo luto e a miséria, espelho das guerras coloniais na vida do nosso povo, a Mulher ergue corajosa a sua voz de protesto e estímulo à resistência, fazendo-a ressoar através das vilas e aldeias, junto dos quartéis, estações de caminho de ferro e cais marítimos. Ao lado dos seus companheiros de trabalho e estudo, nas fábricas e universidades, ela nega patrioticamente o seu salário para financiamento de guerras criminosas, como lhe nega o seu voto e aprovação.

A luta das mulheres portuguesas contra o fascismo está honrosamente integrada num movimento geral pela paz e progresso da Humanidade e liga-se especificamente, pelos seus anseios e pela grandeza dos seus objectivos, ao movimento internacional das mulheres.

Jornada internacional da mulher

Comovidas expressões de admiração pela luta das nossas mulheres e de protesto contra a exploração, a violência repressiva, os atentados aos seus anseios de paz, democracia e independência nacional, valem-nos das organizações nacionais femininas do Vietnam, América Latina, África, União Soviética, França, Checoslováquia, Bulgária, Itália e outros países, e pela voz da Federação Democrática Internacional das Mulheres, no passado dia 8 de Março, milhões de mulheres de todo o mundo dirigiram para as mulheres portuguesas o seu pensamento e o seu coração. «O motivo de nossa emigração mergulha as suas raízes nas vossas lutas heróicas contra o obscurantismo fascista — afirma a mensagem da F.D.I.M. — A vossa luta, apesar de todos os obstáculos, da repressão, do assassinato, das torturas, é também património de milhões de aderentes da Federação Democrática Internacional das Mulheres.»

Neste dia, dirigimos, em particular, o pensamento para as nossas melhores combatentes encarceradas na fortaleza de Caxias.

Para elas chamamos a atenção das mulheres portuguesas e do mundo inteiro.

Alargad a nossa luta, com elas estamos neste dia, com elas estaremos até ao momento da sua libertação.



CONTRA A INCÚRIA DO GOVERNO FASCISTA ACÇÕES POPULARES ORGANIZADAS

Não demonstra a incúria, a indiferença, o desprezo do governo fascista, ante a dramática situação em que o país se encontra, após a violência dos temporais, que um tal governo não serve os interesses do povo, mas os interesses dos monopólios?

Não pretendemos apontar neste artigo as responsabilidades da ditadura no açoitamento dos rios, nos fenómenos de erosão, na falta de defesa dos campos ribeirinhos, na ausência de protecção aos trabalhadores sujeitos ao desemprego.

Perguntamos apenas: o que fez o governo fascista, durante os tremendos temporais e depois deles para ajudar os camponeses, que viram as suas terras inundadas, as sementeiras destruídas, o gado e outros haveres levados pela torrente das cheias?

Não lhes forneceu nem ajuda financeira, nem sementes, nem alfaías agrícolas, nem gado, nem os subtraíu sequer à acção dos impostos e das taxas que neste período asfixiam os agricultores.

Sobre a tremenda situação de miséria estatuiu ainda a continuação da taxa de 40 centavos por litro de vinho, sem ter na menor conta o coro de protestos que uma tal medida levantou o ano passado por todo o país.

A acção dos temporais aumentou o desemprego nos campos. O que fez o governo para minorar a situação de cerca de 30 mil trabalhadores rurais sem trabalho, no Ribatejo e de muito maior número noutras regiões do país? Iniciou mais cedo os trabalhos da Feira de Santarém e neles empregou 50 dos trabalhadores desempregados!

Os temporais assolaram a costa, destruíram embarcações, casas, inundaram localidades, puseram em risco de vida os pescadores e suas famílias. Durante semanas não foi possível ir para o mar. A fome negra entrou em muitos lares de pescadores. Perguntamos: Tomaram porventura o governo fascista, a Junta Central das Casas dos Pescadores, o cínico e ambicioso almirante Tenreiro, algumas medidas eficientes para auxiliar os pescadores? Nenhuma medida concreta e necessária até hoje foi tomada e muito menos durante o período dos temporais. Rufaram casas pobres, tocadas pela invernia, morreu gente do povo. O que fez o governo dos monopólios para abrigar as pessoas que ficaram sem tecto e sem haveres?

As centenas de milhar de contos das Caixas de Previdência, que podiam ser gastas na construção de moradias, servem para financiar os monopólios capitalistas e a guerra colonial.

Um regime que serve os monopólios capitalistas não pode defender ao mesmo tempo os interesses do povo, da imensa maioria da nação.

Um governo que está em guerra porque assim o deseja e nela consume somas enormes, não pode socorrer os camponeses e trabalhadores agrícolas, assolados pelos temporais. Não pode ajudar os pescadores a defender-se da acção do mar, a minorar-lhes as condições de uma vida de miséria.

Não há dinheiro para socorrer os camponeses em crise, mas há milhões de contos para financiar os monopólios capitalistas.

Pequenos e médios camponeses! Organizai a luta pela defesa imediata dos vossos interesses. Reclamai verbas suficientes e ajuda técnica. Exigi medidas urgentes que salvem a agricultura da crise em que se encontra. Participai na luta contra o poder dos monopólios, que invadem os campos e esmagam os pequenos e os médios camponeses. Trabalhadores agrícolas! Intensifi-

cai a luta contra o desemprego. Concentrai-vos nas casas do povo, junto das autoridades, ide buscar a comida onde a houver.

Pescadores! Homens e mulheres da nossa terra! São por demais evidentes os resultados da aventura fascista em África! Organizai a luta pela defesa dos vossos interesses. Mas exigi que se ponha fim à guerra colonial.

Contra a indiferença, a incúria do governo, ante o resultado dos temporais, organizemos amplas acções de massas.

Os ferroviários reclamam NOVO CONTRATO COLECTIVO

A luta dos ferroviários pela elaboração de um novo contrato colectivo, tomou novo incremento. Este importante sector da classe operária voltou a exigir, junto do sindicato, que sejam satisfeitas as suas reivindicações.

Por pressão dos ferroviários e pela continuidade da sua luta, as direcções dos sindicatos denunciaram há muito o antigo contrato colectivo. O pedido de aumento de salários coloca-se na ordem do dia.

Nas oficinas da C.P. e nos centros ferroviários do país lavra grande descontentamento, pois tarda em ser atendido o pedido de aumento que os trabalhadores dos caminhos de ferro insistentemente vêm formulando.

A acção dos ferroviários junto do sindicato, das autoridades fascis-

tas e da gerência da C.P. e das restantes empresas reveste-se de grande importância. Mas torna-se necessário reforçar a acção, dada a resistência que os tubarões da C.P. oferecem aos justos pedidos dos trabalhadores para a actualização dos seus salários, para a elaboração de um novo contrato colectivo.

A luta no sindicato é insuficiente. É da maior utilidade para o sucesso desta acção que os ferroviários promovam novas concentrações no seu sindicato, junto da direcção das empresas ou de elementos responsáveis, criando para essa luta as comissões de unidade, que a organizem e orientem, ao mesmo tempo que reforçam e alargam o contacto com os trabalhadores e empregados dos principais centros ferroviários, para que a luta se processe à escala nacional.

40 ANOS DE FASCISMO 40 ANOS DE CRIMES

O fascismo pretende comemorar os seus quarenta anos de existência. O povo, porém, não estará presente. O povo considera justamente estes quarenta anos como a noite fascista que caiu sobre o país.

De 1926 a 1966 a nação portuguesa tem sido oprimida por uma ditadura. Primeiro, ditadura militar. Depois, ditadura fascista, terrorista, ao serviço dos monopólios associados ao imperialismo estrangeiro e dos latifundiários.

Ao longo destes quarenta anos, toda a política de Ditadura se voltou contra os interesses da classe operária, dos camponeses e dos restantes classes e camadas sociais. A mão de ferro do fascismo oprimiu as liberdades fundamentais, suprimiu a imprensa democrática, aboliu os partidos e organizações patrióticas anti-fascistas, estabeleceu o monopólio do partido único, privou a classe operária de organizações sindicais livres. Afogaram-se as mais sentidas aspirações populares sob o jugo de uma política política e de um aparelho repressivo que por toda a parte impõe um clima de terror, de intimidações, de crimes revoltantes.

Os quarenta anos do fascismo significam quarenta anos de fome, de prisões, de torturas, de mortes. Quarenta anos de crimes contra o povo português.

Em vez das elementares elegiões da Emissão Nacional nós temos a apresentar as «elegiões» desses quarenta anos de crimes.

Eis apenas alguns dos mais conhecidos assassinatos perpetrados pelo fascismo.

- 1. Janeiro de 1948 — António Lopes do Almeida, na PIDE, em Lisboa.
- 2. 3 de Janeiro de 1950 — MILITÃO RIBEIRO, na Penitenciaría de Lisboa.
- 3. 7 de Janeiro de 1942 — Henrique Vele Domingues Fernandes, no Tarrafal.
- 4. 12 de Janeiro de 1943 — Paulo José Dias, no Tarrafal.
- 5. 23 de Janeiro de 1950 — JOSÉ MOREIRA, na PIDE, em Lisboa.

- 6. 15 de Fevereiro de 1957 — Joaquim Lemos de Oliveira.
- 7. 15 de Fevereiro de 1965 — General HUMBERTO DELGADO, em Badozoz.
- 8. Março de 1957 — José Centeio, em Alpiarça.
- 9. 2 de Março de 1957 — Manuel da Silva Júnior, na PIDE, no Porto.
- 10. 21 de Março de 1955 — Dr. Alberto de Araújo.
- 11. Abril de 1934 — Manuel Vieira Tomé, na PIDE, em Lisboa.
- 12. Abril de 1944 — General Godinho, no forte de Trafarjal.
- 13. 28 de Abril de 1962 — Francisco Medeira, em Aljustrel.
- 14. 28 de Abril de 1962 — António Adângio, em Aljustrel.
- 15. Maio de 1944 — Francisco Ferreira Marques, na PIDE, em Lisboa.
- 16. Maio de 1950 — Venceslau Ferreira, na PIDE, em Lisboa.
- 17. 1 de Maio de 1962 — Estêvão Giro, em Lisboa.
- 18. 1 de Maio de 1963 — Agostinho Fizeira, em Lisboa.
- 19. 4 de Maio de 1954 — CATARINA EUFÉMIA.
- 20. 28 de Maio de 1945 — GERMANO VIDIGAL, na PIDE, em Lisboa.
- 21. 4 de Junho de 1950 — Alfredo Dias Lima, em Alpiarça.
- 22. 20 de Junho de 1936 — Francisco Cruz, em Angra do Heroísmo.
- 23. 21 de Junho de 1947 — José Patuleia, na PIDE, em Lisboa.
- 24. 23 de Junho de 1958 — José Adelino dos Santos, em Monimor-o-Novo.
- 25. 25 de Junho de 1948 — Bento de Jesus Caraca.
- 26. 4 de Julho de 1942 — Dr. Ferreira Soares, em Espinho.
- 27. 4 de Julho de 1945 — ALFREDO DINIZ (Alex), na estrada de Bucelas.
- 28. 31 de Agosto de 1958 — Reul Alves Júnior, na PIDE, em Lisboa.
- 29. 11 de Setembro de 1942 — BENTO GON-

O 31 DE JANEIRO E A UNIDADE

No Porto e em outros pontos do país, Nos democratas celebraram o dia 31 de Janeiro. Houve encontros e romagens. No cemitério do Prado do Repouso, no Porto, centenas de pessoas desfilarão diante dos túmulos dos lutadores da Democracia, dos revolucionários do 31 de Janeiro e dos que posteriormente continuaram o seu esforço, em plena Ditadura fascista, num acto de fidelidade política aos ideais democráticos.

Numa exposição enviada ao governador civil do Porto, os democratas desta gloriosa cidade reafirmam o propósito de celebrar esta data que o fascismo banuiu do calendário, como feriado nacional e discutir publicamente o mais momentoso problema da política salazarista: a guerra colonial. As autoridades locais impediram todos os actos públicos comemorativos do 31 de Janeiro.

Em FRANÇA, os núcleos da emigração celebraram condignamente esta data gloriosa. Mais de um milhar de trabalhadores reuniu-se no salão de festas da municipalidade de SAINT-DENIS. Em SAINT-GENEVIEVE DU BOIS e MELUN centenas de portugueses participaram nas comemorações deste dia, com entusiasmo e confiança. Em PARIS, os democratas reuniram-se para assinalar igualmente a data da primeira revolução republicana e reforçar a unidade combativa dos anti-fascistas portugueses.

Dirigindo-se à numerosa assistência composta de trabalhadores que se reuniram na sala de festas de Saint-Denis, JOÃO RODRIGUES, um dos oradores da sessão, afirmou:

«Para alcançar a vitória sobre o inimigo comum é indispensável a união e a acção conjunta de todas as forças da oposição ao regime. Tudo o que possa alargar ou prejudicar no que quer que seja, essa acção conjunta, directa ou indirectamente, será uma ajuda ao salazarismo.»

O 31 de Janeiro é, por si, quer na sua expressão legítima, no acto insurreccional que levou à revolta do Porto, quer na sua tradição de luta, durante o domínio fascista, uma lição de unidade democrática. Poderosas manifestações populares no Porto e em Lisboa. Actos públicos reafirmadores do espírito unitário e combativo e da isenção moral de homens que fizeram a República e ainda hoje vivem, e dos mais jovens lutadores, que continuam, no presente, esse ardoroso espírito de combate.

O 31 de Janeiro é, no seu verdadeiro significado, uma séria lição de unidade e de luta, porque é uma séria lição de acção dos homens que se não deram ante a resistência do inimigo e das dificuldades que se levantavam no combate pela instauração dos ideais democráticos.

- 30. 20 de Setembro de 1937 — Pedro de Matos Filipe, no Tarrafal.
- 31. 24 de Setembro de 1937 — Augusto Martins, na PIDE, em Lisboa.
- 32. 12 de Outubro de 1941 — MÁRIO CASTELHANO, no Tarrafal.
- 33. 11 de Novembro de 1961 — Cândido Martins, em Almada.
- 34. 15 de Novembro de 1943 — Francisco Nascimento Gomes, no Tarrafal.
- 35. 1 de Dezembro de 1938 — ALFREDO CALDEIRA, no Tarrafal.
- 36. 5 de Dezembro de 1949 — SOEIRO PEREIRA GOMES.
- 37. 8 de Dezembro de 1941 — Ernesto José Ribeiro, no Tarrafal.
- 38. 12 de Dezembro de 1942 — José Lopes Diniz, no Tarrafal.
- 39. 17 de Dezembro de 1939 — Fernando Alcobito, no Tarrafal.
- 40. 19 de Dezembro de 1961 — JOSÉ DIAS COELHO, numa rua em Lisboa.
- 41. 28 de Dezembro de 1948 — António Guerra, no Tarrafal.

A estes nomes poderíamos juntar muitos mais, de comunales e outros democratas, assassinados no Tarrafal, de 10 marinheiros assassinados em 8 de Setembro de 1936, na revolta dos marinheiros, de centenas de africanos assassinados por ordem do governador Gorgulho, em S. Tomé, de muitas centenas de angolanos, moçambicanos e guineenses.

O salazarismo tem morto à queima-roupa em casa de patriotas, no rua, nas manifestações, nas sedes da PIDE, no Tarrafal. Muitos patriotas têm morrido em casa, viúvas das perseguições, das prisões, das torturas. São quarenta anos de sangue dos mais generosos filhos de Portugal.

Basta de crimes! Vingamos a memória dos nossos mortos, rebatendo as comemorações fascistas, envergando luto, escrevendo nas paredes e por todo a parte; Fora com o fascismo!



Assistimos nos últimos tempos, na África e na Ásia, a um esforço desesperado do imperialismo para reconquistar posições perdidas. Ele conspira, procura dividir as forças políticas progressivas, usa o recurso à violência, ao crime, ao golpe militar, serve-se dos seus homens de mão procurando entrar a marcha dos povos para a democracia e o socialismo.

A Indonésia era no Extremo Oriente uma nação governada por 3 partidos: mulçumano, nacionalista e comunista, orientando-se por uma política anti-imperialista e de libertação nacional. O Ghana de Nkrumah era um factor da unidade africana e de luta contra o colonialismo, tendo uma posição avançada no quadro geral da África. Ora o general Ankrá derrubou o governo de Nkrumah, estabeleceu um regime reaccionário servindo os interesses do colonialismo; na Indonésia, um outro golpe militar substituiu o ministério existente e colocou no poder forças hostis à luta libertadora do povo.

A imprensa, a rádio, a televisão portuguesas manifestaram grande contentamento, sinal evidente de que os dois golpes de Estado vão no sentido da política fascista, que servem os monopólios nacionais e estrangeiros, que servem o imperialismo. Mas podemos dizer que, no conjunto, as forças anti-colonialistas de Ásia e África

gentes mais esclarecidos, mas o apoio de amplas massas populares.

Apesar desses progressos alcançados subsistem perigos para os povos de África e de Ásia. Mostram-no os exemplos do Ghana e da Indonésia. Mostra-o a bárbara agressão americana no Vietnã, onde o imperialismo surge com toda a sua hedonice de opressor, de fomentador de guerras que ameaçam a paz mundial. Uma lição há a tirar.

Os povos não podem limitar-se à conquista da independência política. Devem eliminar também o poder dos colonialistas, conquistar a independência económica.

O Vietnã é uma grande fonte de ensinamentos. No Norte, o Partido Comunista destruiu a estrutura capitalista e substituiu-a pela socialista, dando a classe operária no poder, dando a terra a quem a trabalhava, liquidando os filões de introdução do capitalismo que são as grandes companhias e os bancos, mobilizando as forças populares para a defesa das suas conquistas. Em contrapartida, no Sul, os interesses do imperialismo maniveram-se e alargaram-se, os seus homens de confiança minaram o aparelho de Estado, o anti-comunismo transformou-se em lei, praticou-se uma política de divisão das forças anti-colonialistas e até das religiões.

Resultado: na República Democrática do

nova ofensiva contra os estudantes

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

firmes, solidários OS ESTUDANTES VENCERÃO

O fascismo prendeu, torturou, demitiu, substituiu, perseguiu, suspendeu, expulsou, mas as Associações Académicas subsistiram e os estudantes continuaram unidos na sua luta pela autonomia da Universidade e pela liberdade de Associação: Os fascistas pensavam que os estudantes, perdendo os seus dirigentes — uns presos, outros afastados dos estudos —, ficavam nas suas mãos, mas logo no início deste ano lectivo, os estudantes promoveram assembleias numerosas em cada Associação e elegeram os seus corpos dirigentes. E as reivindicações não desapareceram. Ao contrário; às dos anos precedentes juntaram-se a da abolição das sanções aplicadas pelo ministro da Educação e a libertação dos estudantes presos.

A reacção não tardou. E a polícia de novo age, efectuando prisões em Lisboa e no Porto. Os pretextos são diversos, mas a razão é a mesma de sempre: o fascismo disputa a Universidade aos estudantes, vinga-se deles, recusa-lhes o direito de viverem dentro de uma Universidade livre, em Associações livres, dirigidas pelos universitários de maior prestígio e responsabilidade, livremente eleitos, e não subordinados ao espartilho fascista do pensamento único de Salazar.

A luta continua. E continuará dentro de cada escola, à volta de cada Associação. Luta difícil mas possível e legal. Os estudantes evitarão as tentações vindas da direita (de abdicar para poder «defender» as Associações) as tentações extremistas de «esquerda» (de largar as Associações, que a luta através delas «já não dá nada») e mudos à sua volta, bem como das pro-Asso-

ciações, não perderão a menor possibilidade legal de ampliar conquistas antigas e recentes através da sua maior conquista: a criação das Associações Académicas. Essa é a actuação que os conservará ligados às massas, dificultando a acção repressiva do fascismo e obrigando este a ser ele a colocar-se fora das leis que fez, por cada acção anti-estudantil.

As prisões não deterão os estudantes.

Não lhes faltam o apoio do Partido Comunista, dos trabalhadores portugueses, dos intelectuais progressivos, não lhes faltam também a solidariedade internacional e, em primeiro lugar, da União Internacional dos Estudantes, que recentemente acaba de atribuir aos estudantes expulsos da Universidade 3 bolsas de estudo para o ano lectivo de 1966-67, a fim de que 3 dentre eles possam terminar os seus estudos.

Os estudante portugueses não estão sós. No dia 24 de Março em todo o Mundo, foi prestada homenagem à sua combatividade e elevado um clamoroso protesto contra a repressão salazarista aos universitários portugueses.

SAUDAÇÃO

DO PCP AO XI CONGRESSO DO P.C. ITALIANO

Com grande êxito realizou-se em Roma o XI Congresso do Partido Comunista Italiano. Nele esteve presente uma delegação do nosso Partido, que entregou ao partido irmão uma mensagem do Comité Central em que se lê: «Guiando os trabalhadores e o povo da Itália no caminho da democracia e do socialismo, o P.C. Italiano dará ao mesmo tempo uma importante contribuição para a luta à escala mundial contra o imperialismo, pela paz, pela liberdade e independência de todos os povos».

Depois de lembrar aos congressistas o que tem sido e é a luta do nosso Partido e do povo português desde há 40 anos, a mensagem refere que «na sua luta contra a ditadura fascista de Salazar os comunistas e o povo português contaram sempre com a solidariedade dos comunistas e do povo italiano» e conclui:

«Estamos certos de que os laços de amizade fraternal e de camaradagem que unem os nossos dois Partidos se reforçarão cada vez mais no interesse de ambos os Partidos, do povo italiano e do povo português e do fortalecimento da unidade do movimento comunista internacional, que consideram factor decisivo para o triunfo sobre o imperialismo, a reacção e a guerra».

Com este número sai um suplemento de rubricas no valor de 29.768\$20.

Crónica internacional

PERSPECTIVAS de dois continentes

registam enormes sucessos sobre o colonialismo, sucessos que se exprimem na existência de 34 novos Estados no continente africano e no desaparecimento do império colonial da Inglaterra, França, Holanda, Japão, Estados Unidos, na Ásia, o que significa igualmente a constituição de novos Estados independentes e soberanos.

Os movimentos de libertação tornaram-se forças poderosas nos dois continentes, sob o impulso das massas populares. Os interesses imperialistas foram profundamente golpeados. Em vários desses países realizaram-se reformas agrárias. Nacionalizaram-se bancos e companhias estrangeiras. Criaram-se partidos de vanguarda e sindicatos, com um papel activo na direcção das massas populares e na sua consciencialização política. Sob o impulso do movimento libertador criou-se a Organização de Unidade Africana, fortaleceu-se o movimento sindical. Comprovando o papel dos trabalhadores e o seu desejo de reforço de união surgiu a central sindical Pan-Africana, que engloba os sindicatos dos principais países.

A ajuda fraterna dos países socialistas permitiu que as nações recentemente libertadas avançassem pela via não capitalista e nela obtenham interessantes vitórias.

Na África e na Ásia as ideias do socialismo tornaram-se uma força poderosa, que ganhou não somente o cérebro dos diri-

Vietnã o país progrediu extraordinariamente, livre da presença de tropas estrangeiras, sem conselheiros militares, sem entrega da economia aos monopólios e imperialistas, enquanto no Vietnã do Sul os americanos se introduziram, pilham economicamente, mandam politicamente, mudam o governo à medida dos seus interesses.

Mas o Vietnã é também exemplo da reacção popular à opressão imperialista. O povo do Vietnã luta corajosamente pela independência da sua pátria, pela expulsão dos invasores americanos, por uma política de paz com o Vietnã do Norte, que crie a possibilidade desejada por todos os vietnamitas da reunificação. Golpe a golpe, com a solidariedade de R.D. do Vietnã e das forças de paz de todo o Mundo, em primeiro lugar dos países socialistas com a União Soviética à cabeça, a destruição do velho sistema colonial será realizada.

Vencido será também o neocolonialismo que ergue cabeça no Ghana, na Indonésia. Apesar dos êxitos recentes do imperialismo, as perspectivas dos povos de África e da Ásia, no difícil caminho da batalha contra um inimigo que resiste duramente, são perspectivas de lutas e de vitórias, que hão-de ganhar os dois continentes definitivamente para a causa do movimento nacional libertador, para a causa da independência nacional, da democracia e da paz.

OS ESTUDANTES ESPANHÓIS APOIADOS PELOS DEMOCRATAS E O POVO lutam valentemente contra o franquismo

Os universitários espanhóis têm organizado por toda a parte assembleias livres para discutir os seus problemas e eleger os seus representantes.

Há muito que o SEU, Sindicato dos Estudantes Universitários, criado pelo franquismo, era combatido pelos estudantes espanhóis. Tão firme foi esse combate; e tão inânime, que o franquismo, ao ver o SEU desmascarado, corrompido, sem qualquer autoridade, se viu na obrigação de o dissolver. Porém, como fascista que é, Franco não acedeu às reivindicações dos estudantes e deixou nas mãos dos Reitores por ele designados, as sedes, os meios financeiros, etc., da antiga organização, quando os estudantes justamente reclamam uma nova organização sindical por eles livremente criada e dirigida.

Em Barcelona, cerca de 500 estudantes realizaram a sua assembleia livre no Convento dos Capuchos. Logo o fascismo enviou os seus verdugos a expulsá-los.

Proibida de ali entrar pelo Superior do Convento, a polícia cercou-o. As famílias dos estudantes, os intelectuais e o povo imediatamente manifestaram o seu apoio aos universitários e ao Superior. Perante um movimento que ameaçava transformar-se em vigoroso golpe sobre o fascismo, Franco ordenou a invasão do Convento, a prisão de muitas dezenas de estudantes. Mas Franco enganou-se. Nem os estudantes nem o povo se esqueceram e foi o fascismo que se isolou uma vez mais. As manifestações da rua sucederam-se em Barcelona, exigindo a libertação dos presos e a liberdade sindical, e nas outras Universidades do país realizaram-se assembleias livres, com particular destaque para a de Madrid, com a presença de jornalistas estrangeiros e das mais representativas figuras da intelectualidade madrileña.

Em resultado de toda esta acção os estudantes presos foram libertados e o movimento anti-fascista alimentado por novas forças: 150 padres de Barcelona protestaram contra a invasão do Convento, organizações da juventude católica, da juventude carlista e outras, igualmente protestaram. A unidade entre comunistas, católicos, socialistas e outras correntes reforçou-se.

A luta valente dos estudantes espanhóis é uma nova machadada no decrepito regime fascista do ditador Franco e ajudará o movimento democrático e anti-fascista a desenvolver novas e importantes lutas.

«LIBERDADE»

No conjunto da imprensa democrática portuguesa, em luta aberta contra o fascismo, acaba de surgir um novo jornal, «LIBERDADE», órgão da Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN).

Nesta fase activa de luta, em que os democratas se devem destacar pe-

NOVO COMPANHEIRO DE COMBATE

la coragem no combate, a noção da realidade nacional, o espírito unitário, o trabalho persistente e organizado, a estreita ligação com o povo, de que sempre se devem sentir intérpretes, é com regozijo que saudamos o aparecimento deste novo companheiro de luta.